



i  17-09-2013	<b>Periodicidade:</b> Diária	<b>Temática:</b> Saúde
	<b>Classe:</b> Informação Geral	<b>Dimensão:</b> 2577
	<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/Cor
	<b>Tiragem:</b> 80000	<b>Página (s):</b> 1/22 a 25

*Isabel do Carmo em entrevista ao i. “Hoje, a estrutura é demasiado ampla para se pôr bombas” // PÁGS. 22-25*



**Periodicidade:** Diária**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 80000**Temática:** Saúde**Dimensão:** 2577**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/22 a 25

Endocrinologista doutorada pela Faculdade de Medicina de Lisboa, Isabel do Carmo esteve 48 anos no Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Saiu em Julho, com 73 anos. Trabalhou sempre no público e no privado, mas defende a exclusividade no SNS como forma de se obter mais rendimento e disponibilidade dos médicos.



# Isabel do Carmo. “Hoje, a estrutura é demasiado ampla para se pôr bombas”

MARTA F. REIS

marta.reis@ionline.pt

ANTÓNIO PEDRO SANTOS (Fotografia)  
antonio.pedrosantos@ionline.pt

Depois de quase cinco décadas no SNS, Isabel do Carmo deixou este Verão o Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Sentiu-se nos últimos anos, enquanto directora do serviço de endocrinologia, como uma bombeira que vê as listas de espera a aumentar, e os utentes reclamar. A médica sai preocupada com a saúde mas, acima de tudo, com o país: “Este governo é catastrófico”, lamenta.

## Foram quantos anos no SNS?

Comecei a trabalhar em 1965, portanto são 48 anos. É muito ano. Estive sempre no Hospital de Santa Maria, mas no início fazia urgências no Barreiro. Além disso, foi em Santa Maria que fiz o curso. Entrei com 17 anos. É uma vida inteira. O que é que se sente no último dia do hospital onde se trabalhou toda a vida?

Julguei que fosse mais traumático, talvez porque não me sinto completamente desligada. Saio preocupada. Quando me formei, o SNS ainda não existia. A minha ocupação, hoje, é que tendo nós um serviço de saúde muito bom e com resultados objectivos, isso começa a estar em causa. Que sinais tinha disso?

Onde o senti mais era não haver contratações. Objectivamente, temos cada vez mais falta de médicos.

Porque não existem ou porque o Estado não os contrata?

Não os contrata. No meu serviço, de 18 médicos reformaram-se 7 e nenhum foi contratado. Neste momento, é aflitivo como se continua a dar resposta. Por um lado, metem-se os médicos internos a fazer mais do que deviam. Por outro, as listas aumentam. Nos últimos tempos era essa a minha dificuldade: ver as listas de espera a aumentar, a necessidade de remarcar consultas e não haver vaga para breve, e os doentes a reclamar. E os doentes reclamam com os médicos. Nos últimos tempos era uma espécie de bombeiro, a responder por escrito a reclamações, a ligar para casa dos doentes a explicar a situação. Pode dizer-se que esta crise está a ser paga com a saúde?

É isso que tem de ser estudado de forma científica. O que posso dizer é que as listas de espera aumentaram.

O ministro Paulo Macedo tem tido uma boa crítica pública. Reconhece-lhe mérito na governação?

O ministro tem tido uma atitude correcta,

uma atitude não autoritária. Tem tido inteligência para lidar com o problema. Mas nunca trabalhou na saúde e aí tem havido erros, além de estar sujeito às Finanças.

Que erros?

Um é, claramente, a não contratação, sobretudo nas zonas urbanas. Depois, não temos hoje o desmantelamento do SNS como se está a ver em Espanha, mas tem havido uma abertura aos privados que fragiliza o Estado. Essa abertura faz-se, por exemplo, através das PPP.

Mas são anteriores a este governo, embora o ministro também as defenda.

Sim, mas o erro persiste: há um tipo de funcionamento nos hospitais privados e nestas parcerias que fragiliza o SNS. Por um lado, foram buscar muitos dos médicos com experiência e energia, na faixa etária dos 40 aos 55, que fazem muita falta nos hospitais. Por outro, quando um doente tem um problema que não pode ser resolvido no privado, vai para Santa

“Nos últimos tempos era uma espécie de bombeiro: a responder a reclamações e ligar aos doentes”

“A certa altura, acumular público com o privado é um caminho irreversível”

“A ADSE é um escândalo. Não pode servir para alimentar grupos de saúde privados”

Maria ou para outro hospital público de referência. Nestes casos, o ministério deixa de assumir os custos do seu tratamento, como acontecia na parceria com o privado, e sobrecarrega o orçamento do hospital.

É frustrante ver depois as notícias que falam de buracos e falência técnica?

Muito. Quem não percebe a engrenagem, olha para as notícias e pensa que é má gestão ou que os profissionais não produzem. A exclusividade profissional no SNS é necessária?

Nunca trabalhei em exclusividade, mas defendo-o. Os médicos de consulta, se estiverem em exclusividade, dão mais rendimento, estão mais tranquilos, mais disponíveis. É a minha experiência como directora de serviço. As pessoas com exclusividade não estão ali com aquela preocupação de ter de sair. Lembro-me de um

colega do Porto que também tinha consultório e que dizia que ainda lhe dava algum ataque cardíaco num semáforo.

Sempre acumulou público e privado?

Sim. Ultimamente fazia 35 horas no Estado e três dias por semana, com o trabalho particular chegava às 12 horas de trabalho por dia.

Para quê?

A certa altura, é um caminho irreversível. Porquê? Pelo salário?

Não. Até certa altura da minha vida, não admitia sequer a hipótese de ter consultório. Sou daquela geração em que receber dinheiro dos doentes quase nos repugnava. Mas, quando sai da prisão, tive de ganhar a vida. Enfi-me no primeiro consultório que ofereceu lugar, no Barreiro. Comecei a fazer consultas e vivia disso. Só mais tarde, num concurso, reentrei no hospital. Digo que é irreversível porque, quando comecei a fazer o horário hospitalar, já tinha consultório, doentes. A pessoa ganha uma certa notoriedade que torna difícil voltar atrás.

Em termos de rendimento, qual era o peso?

Tenho feito essas contas por causa dos impostos. Metade metade. Noutro dia vi a folha de vencimento de um chefe de serviço de um hospital que indicava pouco mais de 1000 euros líquidos. Também ganhava assim no SNS?

Ninguém imagina que ganhamos assim nos hospitais. Nos últimos

três anos tinha a reforma e depois estava contratada – um regime excepcional por causa da falta de médicos, em que recebia mais 900 euros pelas 35 horas. Quando me reformei, aos 70 anos, o meu ordenado no SNS não chegava aos 2000 euros. Acho mal que na luta dos médicos se fale do salário, pois o país atravessa uma situação complicada e há muitas pessoas a ganhar 480 euros. Mas choca-me quando oiço falarem dos médicos como classe privilegiada. Ando a trabalhar no privado para pagar os impostos do público. Foi por isso que aceitou, com a saída no SNS em Julho, começar a trabalhar para o SAMS (subsistema dos bancários)?

Não. Foi essencialmente porque agora quem dirige os serviços clínicos é o dr. Alberto Campos Fernandes, que na administração do Santa Maria foi uma pessoa que apostou em mim.

Médica de profissão, deixou este Verão de trabalhar para o SNS. Sai preocupada com a saúde e com o país: “É preciso puxar o sinal de alarme”, avisa

Sendo crítica do peso do privado na saúde, como é que aceita esta função?

O SAMS funciona à base dos descontos dos bancários e dos sindicatos. Não são privados nem recebem directamente do Estado ou lucram com o Estado.

Como acontece com a ADSE?

A ADSE é um escândalo. Uma parte do que faz sobreviver os hospitais privados, seja do grupo Espírito Santo ou Mello, é o que a ADSE e nós pagamos por serviços prestados nesses hospitais que têm uma lógica de mercado.

Não iria trabalhar para hospitais de grandes grupos privados?

Nunca. Eles também nunca me convidariam (risos). Nunca trabalharia por uma questão de coerência. Acho que tem havido um aproveitamento do Estado por esses grupos. É certo que têm especialistas muito bons, mas digo-lhe uma coisa: é tão comprometedor que houve pessoas que foram para essas estruturas e vieram dar-me justificação. Mesmo pessoas não muito marcadas politicamente. O problema reside no princípio: quanto mais serviços prestam, mais recebem. Digamos que o problema se resolve fazendo uma ecografia, mas porque não pedir uma TAC?

Defende o fim da ADSE?

Não acho que deva acabar. A ADSE é um contrato social para o qual os funcionários pagaram. Deve funcionar para participação de óculos, aparelhos auditivos, cadeirinhas – no fundo, para serviços que o Estado não paga ou paga de forma incompleta. Não pode é servir para alimentar grupos privados.

Parecem actos isolados, mas a sua vida política também passou pelo hospital.

A PIDE podia entrar nos hospitais e entrava, tinha lá informadores e deviam ser muitos. De qualquer maneira, os hospitais eram um espaço onde era possível fazer reuniões – nunca se sabia se a reunião era por saúde ou por outros motivos. No Barreiro fiz reuniões até com o Zeca Afonso, usando o quarto do médico de urgência, e em Santa Maria também. Hoje há reuniões clandestinas? Fala-se da maçonaria em Santa Maria...

Existem esses grupos, seja maçonaria ou Opus Dei, mas não me parece que haja reuniões secretas. Uma coisa boa dos tempos de hoje é que há transparência: temos feito reuniões abertas para discutir, por exemplo, a defesa do hospital. Começou com uma homenagem ao dr. Correia da Cunha, que deixou a administração em Fevereiro, e depois temos mantido trabalho de análise da estrutura e

desafios do hospital.

**É o jeito para mobilizar que liga a Isabel do Carmo de 73 anos à jovem das Brigadas Revolucionárias?**

Tenho essa tendência. Nunca fui só médica. Mobilizo-me muito e tenho uma tendência para juntar pessoas. Actualmente estou também na Conferência Democrática das Alternativas, uma iniciativa que tem funcionado muito bem nas discussões da saúde e que penso poder dar um contributo no sentido de mostrar o que é o SNS e para onde pode evoluir.

**Mas apesar dessa iniciativa, a união à esquerda não parece uma realidade.**

Na saúde existe essa união. O dr. Álvaro Bezeira (PS) tem estado presente e temos o contributo de pessoas do PCP e do Bloco de Esquerda. É esse o objectivo: um trabalho conjunto de independentes e dos partidos de esquerda. Tem sido possível estabelecer a unidade com o objectivo de salvaguardar o SNS.

**Isso é mérito mais do SNS do que da esquerda?**

É o SNS, as personalidades que estão lá, o comportamento dos sindicatos. Não são corporativistas. A greve dos médicos foi a mais extraordinária desde o pós-25 de Abril e o que estava em causa era a defesa do SNS. Tivemos apoio de doentes, de jovens médicos. E o governo recuou. Mas ainda há coisas em falta: a verdade é que o sindicato negociou antes, com a ministra Ana Jorge, certas regras em relação às carreiras, e isso não está a ser aplicado. Aquilo que queremos é que haja concursos regulares que permitam progredir nas carreiras.

**Essa defesa de uma estrutura hierárquica não é um paradoxo no seu percurso?**

Parece paradoxal, mas o que eu contestava no Estado Novo e ainda hoje contesto são estruturas cuja hierarquia é preestabelecida de forma arbitrária. A estrutura do SNS é hierárquica, mas promove a avaliação de competências e a experiência. Sem ela, entra-se na arbitrariedade de nomear por simpatia ou rejeitar por antipatia. Desde o início que me fez sentido. Entendo a obediência quando existe um reconhecimento do outro.

**Fora da medicina, também amochou?**

Nada. Só amochei perante polícias de trânsito. As únicas vezes que me lembro de ter amochado perante uma farda foi com uma polícia de trânsito em Évora – queria uma indicação e ele só me dizia que não podia parar ali. Mantive-me muito delicada. Outra vez foi no metro do Porto,

perante um fiscal que me disse que não tinha passado bem o bilhete e obrigou-me a sair. Saí para não pagar multa. Só amochei por interesse.

**Foi presa duas vezes, as duas quando os seus filhos tinham oito meses.**

A primeira vez foi depois da morte do Ribeiro dos Santos, assassinado pela PIDE. Era filho de um colega médico e emitimos um comunicado na Ordem. Deixei lá ficar o documento com a minha letra, a PIDE encontrou-o e prendeu-me, ia eu com a minha filha ao colo. Cinco anos depois foi com o meu filho, já posterior à contra-revolução. Estive presa quatro anos e foi duríssimo.

**Não se arrepende de nada desses tempos de maior activismo político?**

Do que fiz, nada, defendi aquilo em que acreditava. Às vezes pergunto-me se não fui uma mãe como as outras, é talvez a única mágoa. Penso para mim que eles não tiveram as coisas que outras crianças têm. Os pais estão sempre presentes, vão às actividades, fazem férias, vão à piscina. Quando saí da prisão tinha a minha filha 11 anos, e o meu filho cinco.

**Sendo médica, como é que se gere a defesa da luta armada?**

Gere-se bem. Fui uma das pessoas que mais se bateu dentro das brigadas para as bombas não matarem ninguém. Era uma questão de princípio que não houvesse mortes. Depois houve mortes de dois colegas nossos que colocaram mal a bomba. Mas mortes provocadas em terceiros, nunca aconteceu. Colocávamos as bombas à noite, quando não estava ninguém nos edifícios do Estado, e avisávamos as pessoas por telefone, para não se assustarem.

**Pôs bombas?**

Antes do 25 de Abril transporte material explosivo, estive integrada na organização das acções, fiz observação de locais. Particpei completamente na organiza-

**Enquanto activista contra a ditadura, Isabel do Carmo não se arrepende de nada: “Colocávamos as bombas à noite, quando não estava ninguém nos edifícios do Estado, e avisávamos as pessoas por telefone.” Mas hoje, quando olha para trás, sente uma certa mágoa por a prisão lhe ter tirado parte da infância dos filhos**

ção, mas nunca instalei. A minha cara já era conhecida, a PIDE andava em cima de mim. Este regime matou muito na guerra, oposicionistas, mas sobretudo torturava muito e há muita gente que foi muito torturada que não é lembrada. Torturava brutalmente para obter confissões e, às vezes, já depois de terem confissões, continuavam só para humilhar. Mesmo aquele ano final do marcelismo, que para alguns aparecia como uma primavera, foi um ano de brutais torturas.

**E isso justificava as bombas?**

Com certeza. Não como vingança ou resposta, mas para abalar o regime. Porque uma coisa é a actividade clandestina: panfletos, jornais e até greves. Para um regime como o Estado Novo, isso era previsível, tinham informadores em todo o lado. As bombas, não. Eram uma coisa física: atinge e é inesperado. Não se sabe onde ir à procura delas. As bombas dos últimos anos abalaram muito o regime. O Otelo, no livro “Alvorada em Abril”, reconhece a nossa influência.

**Sente-se injustiçada no rótulo de bombista?**

A história de eu ser bombista veio sempre da direita ou da extrema-direita. Não me afecta nada.

**E no trabalho, nunca ouviu críticas?**

Quando fui condecorada pelo Presidente Jorge Sampaio, o CDS tomou posição pública. Aí houve uma polémica com o Pires de Lima, que foi reproduzir o que estava escrito na internet por um site apócrifo – aliás, fácil de perceber, porque não falava das Brigadas Revolucionárias, mas das Brigadas da Revolução. Nessa altura fui explicar-me à televisão porque havia uma calúnia. Falava em morte de pessoas e isso nunca aconteceu. Francamente, emocionalmente, vivo bem. E, depois de todos os julgamentos, fiz a minha vida profissional de forma que isso não fosse objecção. O que exigiu muito esforço.

**Em que sentido?**

Foi tudo a pulso. Não tanto pela política, mas porque, para uma pessoa ganhar espaço, precisa de se afirmar pelo mérito.

**As suas visões políticas trouxeram-lhe objecções de consciência enquanto médica? Trataria pessoas do regime?**

Não só trataria como tratei. Aí, o médico tem uma ética muito clara. Uma vez houve um caso no banco de urgência com um medicamento que dávamos na altura e que podia dar reacções desagradáveis, as pessoas ficavam vermelhas e com taquicardia. Dei-o a um ex-ministro do Estado Novo e ele, que teve as reacções adversas, fez um estardalhaço, disse que



eu o queria matar. Mas aquilo passou. Trato uma pessoa do regime como trataria uma pessoa afecta a mim. Por vezes, até temos conversas interessantes.

**O tempo cura tudo?**

Não cura, mas dá tolerâncias. Às vezes, as pessoas são classificadas e autotransformam-se de uma forma que não tem nada a ver com a realidade.

**Cometeu esses erros de julgamento?**

Claro. Os anos 60 e 70 foram propícios a isso, marcados por grande sectarismo.

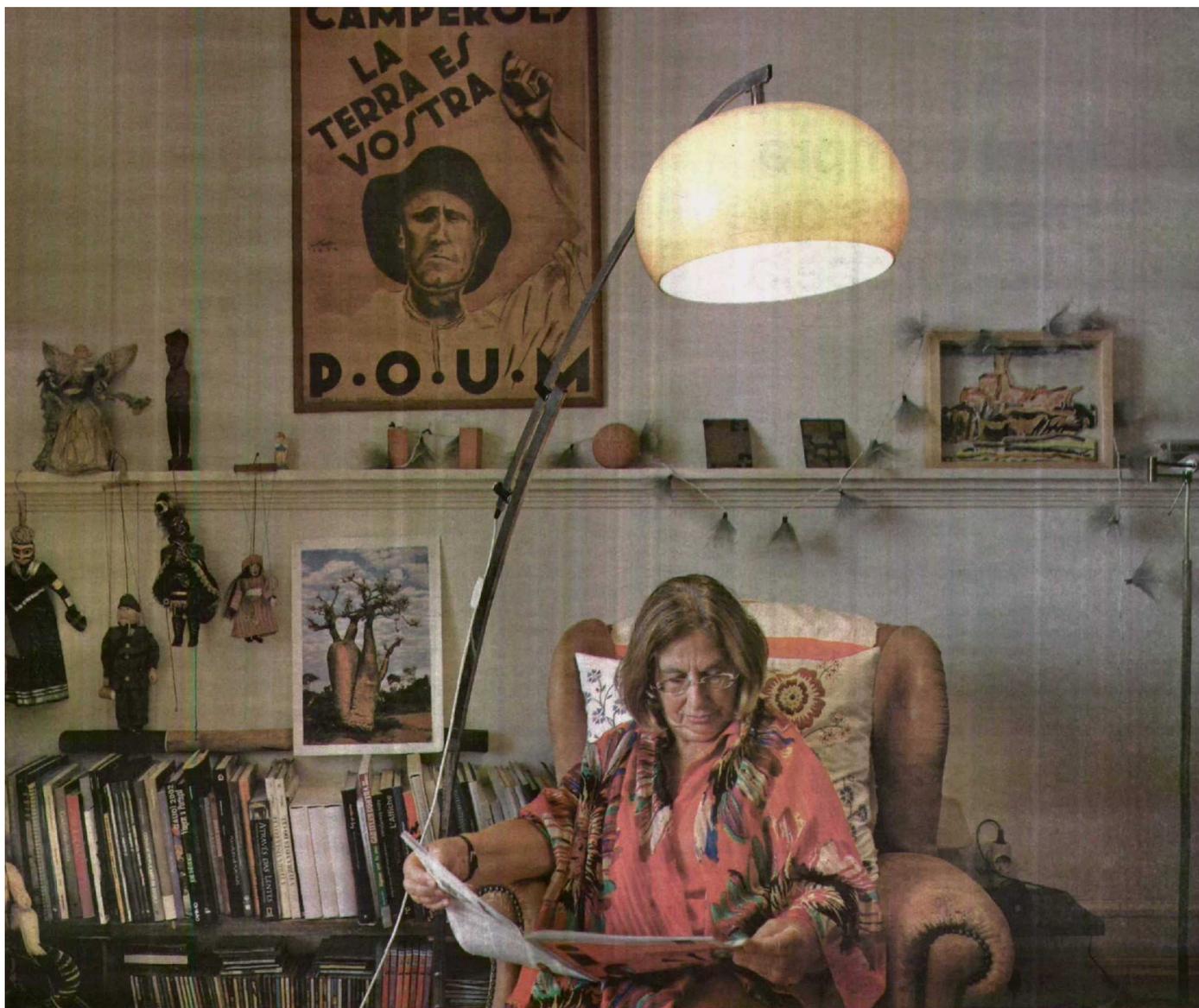
**Não lhe costumam dizer que, se voltar a fazer “daquelas coisas”, terá apoio?**

Oiço muito isso. É aflitivo. São pessoas anónimas na rua, doentes meus e, curiosamente, muitas mulheres.

**Voltava à luta armada?**

Só não voltava porque, para já, não me apetecia ir para a cadeia (risos). Neste momento, francamente, não me apetecia. Além disso, numa perspectiva prática, não sei se acções de força seriam eficazes do ponto de vista da alteração da situação. Mas tenho dúvidas. A situação é demasiado global, não é só nacional. O poder partidário-financeiro tem poucos rostos e não está localizado. A época do imperialismo americano passou a imperialismo mundial-financeiro e o reflexo

**“Trato uma pessoa do regime como alguém afecto a mim. Passados estes anos, até temos conversas interessantes”**



que isso tem depois na política europeia e regionais faz disto uma estrutura demasiado ampla para colocar bombas.

**Vivermos em democracia não é um argumento?**

Isto não é bem uma democracia... Claro que prefiro esta democracia à situação em que vivíamos. As pessoas que não viveram em ditadura não sabem como era. Eventualmente, o argumento das bombas, em democracia, é diferente. Se começassem a estrear bombas, medo ao poder fazia de certeza. Que, para além

disso, as coisas se alterassem, tenho as minhas dúvidas. Além disso, poderia gerar uma resposta de força.

**Mas as pessoas que vêm falar consigo superam, em número, os elementos das brigadas?**

Oh, claramente. Mas é também porque hoje podem dizer o que querem. Há um sentimento de revolta muito grande.

**Em 2011, quando Passos Coelho disse que só se sairia desta crise empobrecendo, escreveu um texto que se tornou viral. Dizia "Já vivi nesse país e não gostei". Já estamos nesse país?**

Ainda não, mas este governo é catastrófico. Quando sair, e espero que saia, vai deixar um país muito pobre.

**O PS vai conseguir fazer uma política muito diferente?**

Claro que o PS é um partido do sistema, não vai cortar com a troika e vamos continuar presos à casa de penhores. Mas tenho confiança que saiba preservar os pilares da educação, da saúde e da segurança social. O que gostaria era que o governo socialista fizesse um governo de unidade com o PCP, com o Bloco de Esquerda e com independentes. Não estou a ver grande jeito, mas gostava.

**Porque não vê grande jeito?**

Por causa das quintas. Os partidos, a partir de determinada altura, pensam quase exclusivamente naquilo que vai dar mais votos. A perspectiva eleitoralista é um veneno.

**Via-se ministra da Saúde?**

Só assessorada por pessoas com grandes competências técnicas, sobretudo financeiras. Mas é algo fantasioso, nunca me passou pela cabeça. Fiquei com alguma experiência de poder em Santa Maria, quando fiz parte da direcção clínica e pela articulação com os centros da saúde. Exercí poder da forma que acho que deve ser exercido: autonomamente e com o espírito de que as soluções vêm o mais da base possível. Exercer o poder não é transmitir decisões. É pegar nas pessoas e perguntar o que é racional e justo.

**O contrário do que tem sido feito?**

Completamente.

**Depois de tanta luta, sente-se desiludida com o país?**

Não me sinto triste porque consigo pensar as coisas com algum distanciamento histórico. Nesse sentido, consigo manter a esperança.

**Mas isso é optimismo?**

Estou pessimista com o momento actual, mas sei que temos de dar a volta. Estou

a ler um livro que cita Walter Benjamin numa frase que me trouxe luz: às vezes hesito ou tenho dúvidas porque não vejo alternativas. A situação é tão grave que estamos na altura de puxar o sinal de alarme para travar este descabro.

**Puxar o sinal de alarme é o quê?**

Tirar o governo, meter outro, mesmo que tenha contradições, alertar as pessoas. Não podemos continuar a olhar passivamente para esta situação.

**Numa vida pública dedicada à nutrição e ao combate da obesidade, como é com pecados alimentares?**

Agora que vim de férias, penso seriamente em fazer um horário mais racional.

**Mas há alguma coisa a que não resista?**

Os doces... Dizer isto publicamente é uma responsabilidade, pois passo o dia a dizer às pessoas para não os comerem. Mas isso também me dá uma maior compreensão da luta contra a natureza que têm de travar, ao passo que pessoas magrinhas e jovens não percebem isso. Eu percebo, até porque, do ponto de vista pessoal, tem sido a minha luta.

**Tem algum doce preferido? Bombocas? (risos) Não. Arroz doce. Que não é muito mau. É calórico como todos, mas não é dos piores.**

**"A unidade da esquerda não tem grande jeito de acontecer. A perspectiva eleitoralista é um veneno"**

**"Ter dificuldades em resistir a doces dá-me compreensão pela luta contra a natureza que as pessoas têm de travar"**